

UMA ANÁLISE MODAL DOS IMPERFECTIVOS DE MËBENGOKRE¹

por Andrés Pablo Salanova (Universidade de Ottawa), Ana Arregui (Universidade de Ottawa)
e María Luisa Rivero (Universidade de Ottawa)

RESUMO

O presente trabalho oferece uma análise para o imperfectivo do Mëbengokre baseada na proposta de Arregui, Rivero e Salanova (no prelo), em que diversos sabores do imperfectivo compartilham um único operador de aspecto gramatical (IMPF), mas variam enquanto à base modal (MB) que serve para relacionar a situação de referência com as situações de inércia, isto é, aquelas que seriam uma continuação natural da situação de referência. Enquanto o progressivo utiliza uma base modal que introduz a “inércia de evento”, em que as situações de inércia são aquelas que continuariam a ação se não houvesse interrupções inesperadas, outros imperfectivos, tais como o prospectivo e o iminente, utilizam uma base modal em que a inércia relevante é a “inércia preparatória”, em que as situações de inércia são aquelas em que as coisas ocorrem tal como planejado. A particularidade do Mëbengokre é que, ao contrário de outras línguas em que o imperfectivo tem sido mais bem estudado, as bases modais estão lexicalizadas em vários marcadores de aspecto diferentes, sugerindo que a pragmática não pode ser responsável pelas diversas interpretações do imperfectivo, como sugeriram Cipria e Roberts (2000).

PALAVRAS-CHAVE: imperfectivo, Mëbengokre (Jê), situações (semântica), modalidade, auxiliares aspectuais, progressivo, inércia (semântica).

1. INTRODUÇÃO

O Mëbengokre é uma língua Jê falada por duas nações indígenas do Brasil central, os Xikrin e os Kayapó, somando 10,000 indivíduos entre ambas. Praticamente todos os membros destas duas nações são falantes nativos do Mëbengokre, havendo uma grande proporção de monolíngues, particularmente entre as mulheres. Duas obras mais gerais sobre a estrutura gramatical do Mëbengokre são Salanova (2011a,b). O Apinayé, língua muito próxima do Mëbengokre, é descrita por Oliveira (2005).

O propósito deste trabalho é o de descrever o funcionamento dos auxiliares aspectuais do Mëbengokre no interior da teoria sobre o imperfectivo que é desenvolvida de forma mais completa em Arregui, Rivero e Salanova (no prelo). Nesse trabalho, tentamos dar conta da microvariação existente nas “situações de inércia” disponíveis nas diversas leituras do imperfectivo pela natureza da base modal disponível ao operador imperfectivo.

1. Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada como poster na West Coast Conference in Formal Linguistics 29, em Tucson (2011), e em Semantics in Under-represented Languages of the Americas 6, em Manchester (2011). O conteúdo deste trabalho é incorporado em grande parte a Arregui, Rivero e Salanova (no prelo), no qual a nossa teoria sobre o imperfectivo é plenamente desenvolvida.

2. APANHADO DO SISTEMA TEMPORAL-MODAL-ASPECTUAL DO MÊBENGOKRE

Os verbos em Mêbengokre não recebem flexão de tempo, modo ou aspecto, senão que estas noções se expressam, por um lado, mediante partículas na periferia esquerda da oração, e, por outro, mediante elementos pós-verbais. O gabarito seguinte sintetiza as principais posições ocupadas pelos elementos de tempo-modo-aspecto em orações independentes:

Tópico/foco	①	Suj. NOM	②	Suj. ERG	Adjuntos	Objetos	Predicado	③
-------------	---	----------	---	----------	----------	---------	-----------	---

① é a posição para quatro marcadores que são principalmente temporais, mas abrangem também um sentido modal: *ně* (não futuro), *nãm* (presente ou futuro iminente), *dja* (futuro ou modo irrealis), e *gê* (desiderativo).

② é a posição ocupada pelo conjunto mais heterogêneo de partículas, que incluem *rěn* (condicional), *birãm* (dubitativo), *we* (marcador de evidência indireta), *kam* (marcador de consequência ou sequência temporal com a oração precedente), *on* (marcador de propósito ou futuro imediato), *tu* (“somente”), *te* (frustrativo), *arym* (completivo), entre outros. A ordem não é fixa, e é possível que ela reflita relações de escopo entre as partículas e outros constituintes da sentença.

③ é a posição ocupada por uma classe também heterogênea, que inclui *mã* (prospectivo), *kadjy* (indicador de propósito), *yr* (iminente), *jabej* (condicional), *kêt* (negação), e vários verbos auxiliares que servem para dar à oração um sentido de aspecto progressivo.

Os morfemas que iremos analisar neste trabalho pertencem à terceira classe. O comportamento de tais elementos pós-verbais contrasta com o das partículas da primeira e da segunda classe, pois os primeiros regem uma forma particular do verbo, a forma nominal. Propomos que tais elementos pós-verbais são, do ponto de vista sintático, núcleos que tomam um complemento. Na construção que nos interessa aqui, o complemento é toda a oração encabeçada pelo verbo na forma nominal.

Que os elementos em questão são núcleos sintáticos pode ser demonstrado mediante uma análise da negação. A negação *kêt* pode funcionar como negação existencial, tomando como único argumento o sintagma nominal cuja existência se nega, e inclusive índices pronominais de pessoa:

- (1) a. ngô kêt
água NEG
"não há água"
b. i-kêt kam
1-NEG em
"quando eu não existia"

Em Salanova (2007), insistimos sobre o fato de que a estrutura de sentenças "verbais" negadas deve ser analisada como contendo a mesma negação existencial, que toma o resto da oração como o seu argumento. Isto faz que as orações negadas sejam de fato nominalizadas, e tratadas como um sintagma nominal cuja existência se nega:

- (2) [ije tep krën] kêt
 1ERG peixe comer NEG
 "Não comi peixe." (lit., "não houve comer peixe por mim")

Tendo em vista que a língua é estritamente de núcleo final, e tendo estabelecido que os elementos da classe ③ são núcleos, escolhemos chamá-los *auxiliares*, enquanto que as partículas da periferia esquerda da frase, isto é, as classes ① e ② de elementos tempo-aspecto-modais, que não regem nenhum elemento da frase e têm certa liberdade de posicionamento, seriam *partículas adverbiais*.

Os exemplos (3) e (4) mostram os auxiliares pós-verbais que nos interessam neste trabalho. Notamos de passagem que em Mebengokre não há marcação obrigatória da oposição passado/futuro, e, portanto, praticamente todos os exemplos que damos podem ser interpretados também no passado, dado um contexto discursivo adequado. Para simplificar as traduções, utilizaremos o presente sempre que possível.

- (3) a. Ije mry krën mã
 1ERG carne comer.N PROSP
 "Eu vou comer carne."
 b. Ije mry krën 'yr
 1ERG carne comer.N IMIN
 "Eu estou quase pra comer carne."
- (4) a. Ba mry krën o=nhỹ
 1NOM carne comer.N APL=ficar_sentado.V
 "Estou comendo carne (sentado)."
 b. Ba mry krën o=dja
 1NOM carne comer.N APL=ficar_em_pé.V
 "Estou comendo carne (em pé)."

Os auxiliares em (3) e (4) introduzem alguns dos sentidos que estão associados à categoria do imperfectivo em línguas mais estudadas. Comparem-se as construções imperfectivas de algumas línguas românicas e eslavas:

- | | | |
|-----|--|----------|
| (5) | Mario partiva domani.
Mario partir.IMPF amanhã
"Mario ia embora amanhã." | Italiano |
| (6) | Juan conversaba con María.
Juan conversar.IMPF com Maria
"Juan estava conversando com a Maria." | Espanhol |
| (7) | Dnes, po plan, Ivan leteše za Sofia.
hoje por plano Ivan voar.PAS.IMPF a Sofia
"Hoje, conforme planejado, Ivan voava a Sofia." | Búlgaro |
| (8) | Sobaka perebegala dorogu.
cachorro PERF.correr.PAS.IMPF estrada
"O cachorro estava atravessando a estrada" (e.g., "quando foi atropelado") | Russo |

Note-se que os auxiliares de (4) têm uma leitura que é considerada padrão nos imperfectivos, mesmo se em português essa leitura se expressa mais comumente mediante uma construção perifrástica. Essa leitura corresponde à interpretação “progressiva” do imperfeito do Espanhol e do Russo, exemplificada em (6) e (8). Os auxiliares em (3) exibem uma interpretação menos reconhecida nos imperfectivos, chamada às vezes de interpretação “modal”, que lembra o imperfeito de ações planejadas do Italiano e Búlgaro, exemplificado em (5) e (7). A dicotomia entre os auxiliares de tipo (3) e aqueles de tipo (4) em Mëbengokre será importante para a análise que propomos na seção 5.

3. IMPERFECTIVOS

Baseando-nos no paralelismo que existe entre as leituras possíveis do imperfeito nas línguas eslavas e românicas e os diferentes elementos pós-verbais do Mëbengokre, propomos analisar esses elementos pós-verbais como auxiliares de aspecto gramatical imperfectivo. Pressuporemos que este aspecto gramatical é introduzido por um operador imperfectivo abstrato, que chamaremos IMPF.

Que os auxiliares em questão são aspectuais e não temporais pode se ver no fato de que são independentes de uma referência temporal fixa:

- (9) a. amrêbê ba karinhô jakôr o=nhỹ
tempo_ atrás 1NOM tabaco assoprar.N APL=ficar_ sentado.V
“Há um tempo atrás estava fumando.”
- b. jãkam ba karinhô jakôr o=nhỹ
agora 1NOM tabaco assoprar.N APL=ficar_ sentado.V
“Agora estou fumando.”
- c. kryrà̀m dja ba karinhô jakôr o=nhỹ
amanhã FUT 1NOM tabaco assoprar.N APL.ficar_ sentado.V
“Amanhã estarei fumando.”

Além disto, estes auxiliares dão lugar ao “paradoxo do imperfectivo”. O paradoxo do imperfectivo diz respeito ao fato de que “João estava lendo o livro” não acarreta “João leu o livro”, e funciona de modo geral com eventualidades télicas.

- (10) a. Maria pry kapêr`yr o=mõ be kute pry kapêr`yr kêt
Maria caminho atravessar.N APL=ir.PL.V mas 3ERG caminho atravessar.N NEG
“Maria estava atravessando o caminho mas ela não atravessou o caminho.”
- b. Maria pry kapêr`yr mã be kute pry kapêr`yr kêt
Maria caminho atravessar.N PROSP mas 3ERG caminho atravessar.N NEG
“Maria ia atravessar o caminho mas ela não atravessou o caminho.”
- c. Maria pry kapêr`yr `yr be kute pry kapêr`yr kêt
Maria caminho atravessar.N IMIN mas 3ERG caminho atravessar.N NEG
“Maria estava quase pra atravessar o caminho mas ela não atravessou o caminho.”

Antes de apresentar a análise semântica do operador imperfectivo, faremos uma breve exposição da sintaxe dos auxiliares aspectuais do Mëbengokre.

4. A SINTAXE DOS AUXILIARES ASPECTUAIS DO MÊBENGOKRE

O leitor pode ter notado que há uma diferença morfosintática entre as construções apresentadas em (3) e aquelas apresentadas em (4). Enquanto que nas primeiras o sujeito aparece no caso ergativo, nas segundas ele está no caso nominativo.

Para compreender a importância disto, precisamos notar o seguinte: o alinhamento ergativo-absolutivo é o alinhamento encontrado normalmente em orações encabeçadas pela forma nominal do verbo. Essas orações são normalmente subordinadas (mas veja-se Salanova 2007, em que se apresenta um uso da forma nominal em orações independentes). O alinhamento nominativo-acusativo é o alinhamento encontrado com a forma plenamente verbal do verbo, que encabeça orações que só podem ser orações independentes. Acima afirmamos que todos os auxiliares subordinam o verbo principal, algo que pode se constatar pela forma nominal em que o verbo aparece tanto em (3) quanto em (4). Porque, então, há um sujeito nominativo em (4)?

A resposta é que os auxiliares nestes dois grupos são bastante diferentes no que diz respeito à sua composição morfológica, e as estruturas que eles projetam são, em consequência, também diferentes. Os auxiliares em (3) são homófonos de adposições direcionais. As posposições são elementos inerentemente relacionais, que tomam seus complementos de maneira direta. No caso, o complemento é a oração encabeçada pelo verbo que aparece em forma nominal. Os auxiliares em (4), ao contrário, consistem de um verbo intransitivo leve (um verbo posicional, tal como *ficar em pé*, *ficar sentado*, *ficar deitado*, ou um verbo de movimento), precedido pelo elemento aplicativo *o*, que é o que permite que estes verbos tomem um complemento.

Semanticamente, há uma relação temática entre o sujeito e os auxiliares exemplificados em (4) que não existe entre os sujeitos e os auxiliares exemplificados em (3): o sentido posicional ou de movimento que está contido no primeiro tipo de auxiliar descreve, na construção imperfectiva, a posição em que o sujeito se encontra ao realizar a ação. O uso dos auxiliares nesta construção poderia inclusive ser considerado como um caso especial de uma construção mais geral, em que o elemento que ocorre após o aplicativo *o* é um predicado secundário do sujeito da oração (veja-se por exemplo a caso de (11c)):

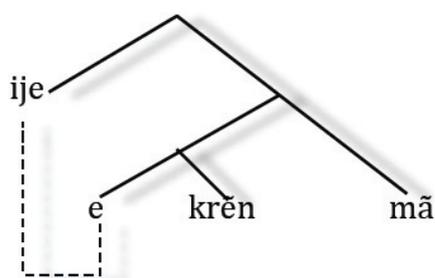
- (11) a. ba nẽ ba i-kabẽn o=nhỹ
 1NOM NFUT 1NOM 1-falar APL=ficar_sentado.V
 “Estou falando (sentado).”
 b. ba nẽ ba i-kabẽn o=dja
 1NOM NFUT 1NOM 1-falar APL=ficar_em_pé.V
 “Estou falando (em pé).”
 c. ba nẽ ba i-kabẽn o=wajêt
 1NOM NFUT 1NOM 1-falar APL=ficar_pendurado.V
 “Estou falado (pendurado aqui em cima).”

Além da relação temática com o sujeito da oração, os auxiliares deste tipo têm formas supletivas para o plural, que são obrigatórias se o sujeito é plural. Aqui não se trata de concordância, mas de compatibilidade semântica, tendo em vista que o plural verbal pode ser interpretado de maneira independente como uma ação repetida, mesmo quando todos os participantes estão no singular, como pode ver-se em (12b):

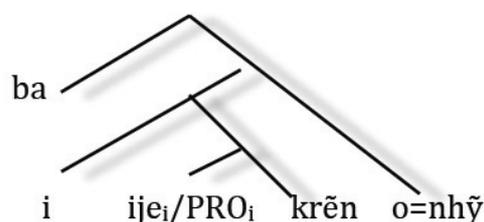
- (12) a. Mëbêngôkre nê mẽ kabên o=ku'ê
 Mëbengokre NFUT PL falar APL=ficar_em_pé.PL
 “Os Mëbengokre estão falando.”
- b. akamàt kunikôt nê ba i-nhôt o=i-nhikwã
 noite toda NFUT 1NOM 1-dormir.N APL=1-ficar_deitado.PL
 “Toda noite fico dormindo.”

Nada disso acontece com os auxiliares adposicionais ilustrados em (3). Nesses casos, propomos que a adposição toma a oração subordinada nominal como um único argumento, sem estabelecer quaisquer relações semânticas com o sujeito ou com outros participantes. Para dar conta principalmente das relações temáticas estabelecidas entre o auxiliar e o sujeito nas construções do tipo exemplificado em (4), propomos analisar esses auxiliares como auxiliares de “controle”. As construções exemplificadas em (3), ao contrário, seriam estruturas de “alçamento”. Esquemáticamente, temos o seguinte:

(13) Auxiliares de alçamento



Auxiliares de controle



Por restrições de espaço, e tendo em vista que o que nos importa é simplesmente representar a diferença entre as duas construções, não apresentaremos argumentos para afirmar que, na primeira estrutura, o alçamento realmente ocorreu. Poder-se-ia tratar, de fato, de uma estrutura em que o especificador mais alto simplesmente não é projetado, e o sujeito ergativo fica dentro da oração subordinada.

Estas estruturas dão conta principalmente das relações temáticas observadas. A marcação de caso exige explicações adicionais (para um tratamento mais completo, ver Salanova 2009). Em primeiro lugar, o alinhamento ergativo é o alinhamento normal para todas as orações encabeçadas por uma forma nominal do verbo, e em particular para todas as orações subordinadas. Como dissemos acima, os elementos pós-verbais apresentados em (3) e (4) de fato subordinam a oração que contém o verbo lexical.

Para explicar porque o sujeito é (inesperadamente) nominativo nas construções de controle precisamos acrescentar que o caso nominativo só é atribuído quando há uma forma plenamente verbal do verbo lexical ou auxiliar na oração. No caso dos auxiliares de alçamento, não há tal forma verbal, já que esses auxiliares são adposicionais, e o verbo lexical aparece na sua forma nominal. Nas construções de alçamento, no entanto, o auxiliar, que é verbal, serve de atribuidor do caso nominativo.

Na seção 6 examinamos a relação entre as diferentes estruturas e os sentidos aspectuais que elas servem a expressar.

5. A SEMÂNTICA DOS AUXILIARES DO MÊBENGOKRE

A essência da nossa proposta semântica é que os auxiliares do Mêbengokre são núcleos aspectuais que lexicalizam as diferentes interpretações associadas aos imperfectivos em línguas mais conhecidas. A nossa proposta tem duas consequências teóricas para a análise comparativa da imperfectividade. Por um lado, dá evidências adicionais para a hipótese de que em algumas línguas as bases modais estão especificadas no léxico (veja-se Rullmann et al., 2008), no lugar de ser proporcionadas pelo contexto. Por outro lado, dá apoio ao ponto de vista de que certas distinções finas de sentido, que são com frequência atribuídas à pragmática de IMPF, em certas línguas devem fazer parte da semântica de dito operador. Isto é, o Mêbengokre distingue formalmente no léxico um imperfectivo com uma base modal para eventos que já começaram, e outro com uma base modal para eventos que estão apenas em preparação.

Adotaremos uma análise modal dos imperfectivos inspirada em Cipria e Roberts (2000), com bases modais determinadas no léxico codificadas na sintaxe. A proposta será apresentada dentro do quadro de referência das *situações* (veja-se Kratzer 1989, 2002, 2009), que não apresentaremos em detalhe aqui por falta de espaço. Tal quadro de referência é especialmente útil, já que nos permite ter acesso à dimensão temporal e modal de maneira simultânea. Em certo sentido, o quadro das *situações* unifica as dimensões temporal e modal, e, portanto, nos proporciona unidades ideais para o problema dos imperfectivos.

As situações são parte de mundos possíveis. De maneira intuitiva, podemos pensar em uma situação no mundo presente como uma parte ou pedaço de tal mundo, uma parte de tudo o que está ocorrendo (essa relação de “parte” representa-se com o operador \leq). Um exemplo de Kratzer (1989) serve para ilustrar a relação de “parte” no marco das situações. Suponhamos que Paula pintou uma natureza morta com maçãs. Há algo no mundo presente que faz que seja verdade que Paula pintou uma natureza morta: esse algo é a situação de Paula pintar a natureza morta. Essa situação terá partes, tais como a situação de Paula pintar o caule de uma maçã. E será também parte de situações maiores, tais como a situação de Paula pintar a natureza morta e preparar o jantar. A possibilidade de falar de partes do que ocorre é uma característica importante do quadro das situações, e uma que será relevante para a nossa proposta.

Formalizemos agora a nossa proposta sobre os imperfectivos, incluindo os auxiliares do Mêbengokre. Adotamos uma visão padrão onde o aspecto sintático projeta acima de Sv e abaixo de ST, como se vê em (14). Deixando de lado o Tempo, o ponto crucial a respeito do aspecto gramatical em Mêbengokre é que ele é projetado acima do complemento oracional nominal que contém o verbo lexical, como se vê em (15). A semântica do operador IMPF compartilhado entre estas duas construções é dado em (16).

$$(14) \quad [_{ST} T \quad [_{SAsp} IMPF \quad [_{Sv} Voz \quad [_{Sv} \dots V \dots]]]]$$

$$(15) \quad [_{SAsp} \quad [_{OrNominal} \dots V \dots] \quad IMPF]$$

$$(16) \quad [[IMPf]] = \lambda P_{\langle I, \langle s, t \rangle \rangle} \lambda s. \forall s': MB_a(s)(s') = 1, \exists e: P(e)(s') = 1.$$

Onde:

- P é uma propriedade de eventos; este argumento é saturado pela denotação da oração nominalizada.
- MB_a é uma base modal (seguindo Kratzer), compreendida como uma *relação de acessibilidade* (função de situações a situações a valores de verdade: $\langle s, \langle s, t \rangle \rangle$).

A denotação em (16) não impõe uma restrição temporal à relação entre a situação do evento e a situação de referência. Isto é, não há nenhuma afirmação em (16) a respeito da relação entre essas situações. Note-se que as abordagens ao aspecto que se servem de relações temporais são incapazes de capturar a dimensão modal do imperfectivo (isto é, a leitura de “plano futuro”, compartilhada pelos imperfectivos em algumas línguas eslavas e românicas, e pelos auxiliares do Mëbengokre exemplificados em (3)).

Em (14)-(15), IMPF combina-se com uma propriedade de eventos P , o que resulta em uma propriedade de situações que é verdadeira de s se e somente se em todas as situações s' acessíveis a s , dada a base modal proporcionada pelo contexto, existe um evento de P (para o tratamento dos eventos dentro do quadro de situações, ver Kratzer 2009).

Diferentes escolhas de MB resultam em domínios de quantificação diferentes, e, portanto, dão “sabores” diferentes de IMPF. MBs para o IMPF inspiradas em Cipria e Roberts (ver Rivero e Arregui 2010) incluem as de (17a) e (17b). A primeira é empregada pelo imperfectivo no exemplo do Espanhol em (6), e nos exemplos do Mëbengokre em (4). A base modal de (17b) serve para as leituras genéricas, que não são tratadas neste trabalho.

- (17) a. $MB_{\text{em-andamento}} = \lambda s. \lambda s'. s' < s$.
(acesso às subpartes da situação proporciona a leitura de algo em andamento).
- b. $MB_{\text{genérica}} = \lambda s. \lambda s'. s'$ é uma situação característica em s .
(acesso às partes típicas de s resulta em uma leitura *genérica*).

Cipria e Roberts (2000) assumem que a escolha de bases modais, incluindo as de (17), é dada pelo contexto no caso dos imperfectivos do Espanhol. No entanto, isto claramente não é o caso em Mëbengokre, onde existem vários auxiliares aspectuais especializados para cada uma das diferentes leituras. Portanto, propomos que podemos capturar a leitura específica de cada um dos marcadores aspectuais do Mëbengokre dentro do quadro geral descrito acima, mas fazendo com que as bases modais estejam associadas a cada marcador aspectual específico. Em síntese, em Mëbengokre, bases modais específicas estão associadas com núcleos lexicais ou auxiliares particulares, no lugar de serem determinadas pelo contexto.

A base modal que ocorre nas construções do Mëbengokre exemplificadas em (4), repetidos em parte em (18), é a de *inércia-de-evento*, definida em (22) abaixo. Propomos incluí-la na denotação do auxiliar. Em (19), proporcionamos a denotação do operador IMPF em *o=dja* que é responsável pela interpretação obtida. As razões para chamar a base modal que este auxiliar contém de *inércia de evento* serão esclarecidas em breve.

- (18) Ba mry krën **o=dja**.
1NOM carne comer.N APL=ficar_em_pé.V
“Estou comendo a carne (em pé).”

- (19) $[[dja_{\text{IMPF}}]] = \lambda P_{\langle 1, \langle s, t \rangle \rangle}. \lambda s_s. \forall s'_s: MB_{\text{inércia-de-evento}}(s)(s') = 1, \exists e: P(e)(s') = 1$

Além de auxiliares que são utilizados para a descrição de eventos em andamento, como o de (18), já ilustramos acima alguns auxiliares do Mëbengokre que servem para descrever planos ou eventos futuros (com respeito ao tempo de referência), tais como o marcador prospectivo de (3), repetido em (20). A leitura de (20) lembra a leitura dos exemplos do espanhol e russo em (5) e (7), onde

os imperfectivos aludem a planos futuros, e apoiam a ideia de que devemos fixar uma base modal no marcador prospectivo do Mëbengokre que chamaremos de *inércia preparatória*, para eventos que ainda não começaram, e que é portanto independente da base modal fixada para o auxiliar “em andamento” exibido em (18). A denotação do marcador prospectivo de (20) é dada em (21):

- (20) Ba mry krën **mã**.
 1NOM carne comer.N PROSP
 “Vou comer carne.”

$$(21) \quad [[\mathbf{mã}_{\text{IMPF}}]] = \lambda P_{\langle 1, \langle s, t \rangle \rangle} \cdot \lambda s_s \cdot \forall s'_s : \text{MB}_{\text{inércia-preparatória}}(s)(s') = 1, \exists e: P(e)(s') = 1$$

Cipria e Roberts (2000) propõem que a leitura de intenção presente no imperfectivo do espanhol, similar à leitura do imperfectivo do Italiano em (5), depende de um mecanismo exclusivamente pragmático, que força uma base modal de inércia de evento para que esta inclua a etapa preparatória dos eventos. Nesta proposta, leituras puramente intencionais surgem dos mesmos mecanismos que levam ao paradoxo do imperfectivo. No entanto, essa solução não é viável para o Mëbengokre, pois um auxiliar detém a leitura de evento em andamento, enquanto outro detém a leitura intencional ou prospectiva. Portanto, a nossa proposta é que duas bases modais diferentes, dadas em (22) e (23), estão associadas no léxico a dois auxiliares diferentes em Mëbengokre.²

- (22) Inércia de evento
 $\text{MB}_{\text{inércia-de-evento}} = \lambda s \cdot \lambda s' \cdot s'$ é uma situação E-inercial com respeito a s (onde s' é uma situação E-inercial com respeito a s se e somente se todos os eventos que de fato começaram em s continuam em s' da maneira em que o fariam se não houver interrupções)

- (23) Inércia preparatória
 $\text{MB}_{\text{inércia-preparatória}} = \lambda s \cdot \lambda s' \cdot s'$ é uma situação P-inercial com respeito a s (onde s' é uma situação P-inercial com respeito a s se e somente se todos os eventos que estão na etapa preparatória em s continuam em s' da maneira em que o fariam se não houver interrupções).

Em síntese, o Mëbengokre tem auxiliares imperfectivos diferentes para eventos que estão em andamento, e eventos que são planejados ou iminentes, algo que os torna interessantes para a teoria linguística por pelo menos dois motivos. Por um lado, mostram que as bases modais podem estar fixadas no léxico, no lugar de ser determinadas pelo contexto. Por outro, sugerem que a noção tradicional de *inércia* não é suficientemente fina.

6. OS AUXILIARES DE CONTROLE

Nesta seção examinaremos em pormenores a construção com auxiliares de “controle”, como primeiro passo para estabelecer um vínculo entre a sua sintaxe e a interpretação que recebe.

Os auxiliares de alçamento em Mëbengokre parecem-se aos elementos imperfectivos em línguas mais bem conhecidas, em que esses elementos não atribuem um papel temático aos seus sujeitos. Não precisamos dizer nada de particular acerca deles. No entanto, para dar conta do sentido de posição, movimento ou número acrescentado pelos auxiliares de controle do Mëbengokre, precisamos modificar ligeiramente a sua representação semântica. Tomemos novamente a sentença seguinte:

2. Em nossa proposta passamos por alto a dificuldade de identificar as situações de inércia, um problema conhecido que, no entanto, parece ser independente da escolha de inércia. Ver Portner (1998).

(24) Ba mry krên o=nhỹ.
 1NOM carne comer.N APL=ficar_sentado.V
 “Estou comendo carne (sentado).”

(25) $[[o=nhỹ]] = \lambda P_{\langle e, \langle I, \langle s, t \rangle \rangle} . \lambda x_e . \lambda s_s . x \text{ está sentado em } s \text{ e } \forall s'_s : MB_{\text{inércia-de-evento}}(s)(s') = 1, \exists e_1 : P(x)(e)(s') = 1$

De acordo com (25), o auxiliar imperfectivo *o=nhỹ* em (24) se combina com uma propriedade de indivíduos e eventos (*P*) e um indivíduo (*x*). O resultado é uma proposição que é verdade de uma situação *s* se e somente se *x* está sentado em *s* e, em todas as situações *s'* que são situações inerciais de evento, existe um evento de *P*. Situações inerciais de evento *s'* são aquelas onde todos os eventos que de fato começaram em *s* continuam em *s'* como o fariam se não houvesse interrupções. Em virtude de ser um marcador aspectual com um sujeito lógico, *o=nhỹ* impõe restrições, através da relação de controle, no sujeito da oração encaixada.

Juntando tudo, temos o seguinte:

(26) ba [i [PRO_i tep krên] o=] nhỹ
 1NOM *i* PRO_i peixe comer.N APL ficar_sentado.V
 “Estou comendo peixe (sentado).”

(27) a. $[[i \text{ PRO}_i \text{ tep krên}]] = \lambda x_e . \lambda e_1 . \lambda s_s . e \text{ é um evento de } x \text{-comer peixe em } s$
 b. $[[ba]] = \text{o falante}$
 c. $[[ba [i [\text{PRO}_i \text{ tep kren}] o-] nhỹ]] = \lambda s_s . \text{o falante está sentado em } s \text{ e } \forall s'_s : MB_{\text{inércia-de-evento}}(s)(s') = 1, \exists e_1 : e \text{ é um evento do falante comer peixe em } s'$

Por limitações de espaço, não podemos estender-nos muito na nossa exploração das propriedades dos auxiliares progressivos. Uma explicação completa de por que os progressivos seriam auxiliares de controle, enquanto que auxiliares com outras bases modais seriam auxiliares de alçamento, é um assunto que terá de ser abordado em um trabalho futuro.

Gostaríamos, no entanto, de ressaltar um ponto a respeito da estrutura do auxiliar. Na nossa análise, pressupomos que o proclítico aplicativo *o=* é um elemento semanticamente vazio, e que é o auxiliar verbal em si que carrega o sentido aspectual. Dada a origem adposicional dos auxiliares de alçamento, sobre a qual já falamos acima, o leitor poderia ter dúvidas acerca da vacuidade de *o=*. Para apoiar a nossa posição, oferecemos os exemplos seguintes:

(28) a. ba kikre mã i-djâr mō
 1NOM casa a 1-entrar.N ir.PL.V
 “vou entrando em casa”
 b. i-nhō krit nē tyk mō
 1-POSS bicho_de_estimacão NFUT morrer.N ir.PL.V
 “o meu bicho de estimacão está morrendo”

- (29) a. ba a-mã i-kabên o=mõ
 1NOM 2-a 1-falar APL=ir.PL.V
 “Estou falando com você (à medida que caminho devagar).”
- b. ba karinhô jakôr o=mõ
 1NOM tabaco assoprar.N APL=ir.PL.V
 “Estou fumando (enquanto caminho devagar).”

Em todos estes casos, o auxiliar usado para o progressivo é *mõ*, que é o auxiliar predileto quando há movimento ou transformação. *Mõ* (ir.PL) é usado no lugar de *tẽ* (ir.SG) tanto como verbo quanto como auxiliar quando o sujeito é plural, mas tem também o sentido de andar devagar, mesmo com sujeito singular. Este último é o sentido que o auxiliar tem nestes exemplos.

Como se vê em (28) e (29), o proclítico aplicativo *o=* não aparece junto ao auxiliar quando o verbo lexical é, digamos, inacusativo, mas sim aparece quando o verbo lexical é inergativo ou transitivo. O que *o=* parece fazer aqui é marcar que o sujeito é um agente ou um causador. O sentido progressivo, no entanto, está presente em ambos os casos. Nos exemplos de (28), o sentido de “mexendo-se devagar ou paulatinamente” se transfere à ação, enquanto nos exemplos de (29) ele se transfere ao sujeito. Concluimos que o elemento *o=* é inserido por uma exigência sintática, mas não contribui ao sentido progressivo. Note-se, no entanto, que nossa análise dos auxiliares progressivos como auxiliares de controle deverá ser reformulada para dar conta de exemplos tais como os de (28).

7. CONCLUSÕES

Neste trabalho propomos que marcadores aspectuais com sentidos específicos, tais como o prospectivo e o iminente do Mëbengokre, podem ser considerados auxiliares imperfectivos. As categorias imperfectivas compartilham um núcleo semântico que envolve quantificação universal sobre mundos ou situações. O lugar da variação do imperfectivo é na escolha de bases modais, com as quais se estabelece uma relação entre a situação de referência e outras situações, delimitando o domínio do quantificador universal. Inspirados na análise de Cipria e Roberts (2000) para o Espanhol, capturamos os sentidos imperfectivos do Mëbengokre fazendo uso de propostas no domínio dos estudos de modalidade (Kratzer 1991). Distanciamos-nos de Cipria e Roberts ao limitar o papel da pragmática na seleção de bases modais, e propondo que a disponibilidade de tais bases modais não depende do contexto. Propomos que o Mëbengokre codifica no léxico restrições quanto à base modal que está disponível ao operador IMPF (veja-se Rullmann et al. 2008 para o caso dos modais).

Em particular, propomos que para distinguir os diferentes tipos de imperfectivos encontrados no Mëbengokre, é preciso distinguir semanticamente entre uma base modal que chamamos de *inércia de evento*, para eventos em andamento, e outra base modal chamada de *inércia preparatória*, para eventos em etapa de planejamento: duas noções distintas englobadas na noção tradicional de inércia.

A MODAL ANALYSIS OF MÊBENGOKRE IMPERFECTIVES

ABSTRACT

The present paper offers an analysis for Mêbengokre imperfectives based on the proposal put forth by Arregui, Rivero and Salanova (in press). In that approach, the various flavours of imperfective share a common point-of-view aspectual operator (IMPF), but vary as to the modal base (MB) that serves to relate the actual situation with the inertia situations, that is, to those situations that would be the natural continuation of the actual situation. While progressives use a modal base which introduces “event inertia”, where inertia situations are those where the action continue as they would if there are no unexpected interruptions, other imperfectives, such as the prospective and imminent, use a modal base where the relevant inertia is that of “preparatory inertia”, in which inertia situations are those where things go according to plan. The particularity of Mêbengokre is that, contrary to other languages where the imperfective has been better studied, modal bases are lexicalized into various different aspectual markers, suggesting that pragmatics cannot generally be held responsible for the various interpretations of the imperfective, as is suggested by Cipria and Roberts (2000).

KEY WORDS: imperfective, Mêbengokre language (Jê), situations (semantics), modality, aspectual auxiliaries, progressive, inertia (semantics)

REFERÊNCIAS

Arregui, Ana, María Luisa Rivero, e Andrés Pablo Salanova. (no prelo). Cross-linguistic variation in imperfectivity. *Natural Language and Linguistic Theory* 32(1).

Cipria, A., e C. Roberts. (2000). Spanish imperfecto and pretérito: truth conditions and aktionsart effects in a situation semantics. *Natural language semantics* 8:297–347.

Kratzer, Angelika. (1989). An investigation of lumps of thought. *Linguistics and Philosophy* 12:607–653.

Kratzer, Angelika. (1991). *Modality*. Em *Semantics: an international handbook of contemporary research*, ed. Arnim von Stechow, 639–650. Walter de Gruyter.

Kratzer, Angelika. (2002). Facts: particulars of information units? *Linguistics and Philosophy* 25:655–670.

Kratzer, Angelika. (2009). Situations in natural language semantics. Em *Stanford encyclopedia of philosophy*.

Oliveira, Christiane Cunha de. (2005). *The language of the Apinajé people of Central Brazil*. Tese de doutorado, University of Oregon.

Portner, Paul. (1998). The progressive in modal semantics. *Language* 74:760–787.

Rivero, María Luisa, e Ana Arregui. (2010). Aspectual microvariation: the case of Slavic imperfectives. Em *Proceedings of the 2010 meeting of the Canadian Linguistics Association*.

Rivero, María Luisa, e Ana Arregui. (no prelo). Building involuntary states in Slavic. Em *Telicity, change, and state: a cross-categorial view of event structure*, ed. Violeta Demonte and Louise McNally. New York: Oxford University Press.

Rullmann, Hotze, Lisa Matthewson, e Henry Davis. (2008). Modals as distributive indefinites. *Natural Language Semantics* 16:317–357.

Salanova, Andrés Pablo. (2007). *Nominalizations and aspect*. Tese de doutorado, Massachusetts Institute of Technology.

Salanova, Andrés Pablo. (2009). Uma análise unificada das construções ergativas do Mëbengokre. *Amérindia* 32:109–134.

Salanova, Andrés Pablo. (2011). Relative clauses in Mëbengokre. Em *Subordination in South American languages*, ed. Pieter Muysken, Rik van Gijn, and Katharina Haude. Amsterdam: John Benjamins.

Salanova, Andrés, e Maria Amélia Reis Silva. (2011). Le Mëbengokre. Em *Dictionnaire des langues*, ed. E. Bonvini, J. Busutil, and A. Peyraube. Paris: Presses Universitaires de France.